



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MEYRE LONDERO DE SOUZA

(depoimento)

2005

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-116

Entrevistado: Meyre Londero de Souza

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: ESEF/UFRGS

Entrevistadores: Leon Kaminski

Data da entrevista: 01/07/2005

Transcrição: Vicente Cabrera Calheiros

Conferência Fidelidade: Vicente Cabrera Calheiros

Copidesque: Marco de Carvalho

Pesquisa: Marco de Carvalho

Fitas: (01 fita) 116/01-A

Total de gravação: 25 minutos

Páginas Digitadas: 10

Catalogação: Vera Maria Sperangio Rangel

Número de registro: 01907/2007/01

Número de registro da fita: 01907/2007/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

SOUZA, Meyre Londero de. *Meyre de Souza (depoimento, 2005)*.
Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE -
ESEF/UFRGS, 2007.

Sumário

Início do envolvimento com a ESEF; cotidiano da Escola: horários e uso de outros locais para as aulas práticas, as aulas de hipismo, aulas práticas separadas por sexo, excursões, perfil dos alunos, relação com os colegas, professores e funcionários; teste físico do vestibular; fatos pitorescos; diretório acadêmico.

Porto Alegre, 01 de julho de 2005. Entrevista com Meyre Londero de Souza, a cargo do pesquisador Leon Kaminski, para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.K. – Bom, Meyre como iniciou teu envolvimento com a ESEF¹?

M.S. – Eu sempre gostei muito de esporte, jogava vôlei, basquete, tudo que eu podia. Caía nas minhas mãos, eu fazia, desde quando eu estava no ginásio. Quando eu terminei o ginásio - eu fazia no colégio Sévigné² - a primeira coisa que eu pensei em fazer foi educação física e aí eu fiz o vestibular na época, foi em 1948, e entrei lá na ESEF. Fiquei lá um ano, quase dois anos, porque no primeiro ano eu fui afastada, porque eles achavam que eu tinha um sopro no coração. Porque, por exemplo, uma partida de basquete eu não conseguia efetuar toda, não conseguia ir até o fim, às vezes, eu chegava até a desmaiar. Então o médico da época achou que eu devia me retirar. Aí eu saí da ESEF, fiz outros exames, fiz exames com médicos particulares que eles concluíram que eu não tinha nada, aí voltei para a ESEF no ano seguinte. No fim, eu mesma acabei desistindo, fiquei até quase o final do segundo semestre, acabei desistindo e saí de lá.

L.K. – Eram dois anos naquela época?

M.S. – Eram dois anos.

L.K. – Se desmotivou?

M.S. – É, eu acho que isso, porque sabe como é a turma, como eu falei, nossas turmas eram muito pequenas, eram poucas, eram mais ou menos, eu acredito, não me lembro exatamente, mas devia ser de 22 a 25 mulheres e homens eram uma meia-duzia, deviam ser 6 ou 8, por aí, não me recordo exatamente, mas era um número muito pequeno. Bom, como no primeiro ano eu tive que me retirar, quando eu voltei no segundo, já não estava a minha turma, quer dizer, elas estavam lá porque estavam no último ano, mas já não era a mesma coisa. Eu peguei outra turma, aí não sei, não quis mais, saí de lá, fui tirar, fui

¹ Escola de Educação Física da UFRGS

² Colégio Sévigné, fundado em 1º de setembro de 1900

estudar no Julio de Castilhos³, pensei em fazer medicina que nunca fiz. E nós estudávamos era lá no campo do Cruzeiro⁴, aquele campo que tem lá em cima onde agora é o João XXIII⁵, lá que era nossas aulas. Só que era muito espaçoso, porque nós não tínhamos naquele lugar... Já imaginou, era um campo de futebol, jogadores de futebol, então era restrito. Tinha o que, os banheiros para os rapazes, que, aliás nós usávamos, é claro, e o campo em si. Então não tínhamos... O que nós podíamos ter lá eram aulas teóricas, que o início das aulas eram a 07:30 da manhã em ponto. Nós tínhamos que estar lá vestidas com os uniformes e nós íamos para a aula teórica e recebíamos, geralmente, eu me lembro, era uma hora e meia, duas de aula e depois então nós saíamos de lá, tornava a vestir os uniformes de ginástica e íamos para as aulas, as outras aulas práticas. E o que acontecia, nós tínhamos equitação, lá não dava, então nós tínhamos que nos deslocar lá para a Chácara das Bananeiras⁶, onde nós pegávamos os cavalos da Brigada. Depois que terminávamos voltamos lá, deixávamos os cavalos e voltávamos para a ESEF.

L.K. – Aulas de Hipismo?

M.S. – É. As aulas de equitação geralmente eles faziam assim sabe, para a gente não ter que estar retornando para a Escola, vai e volta, vai e volta, eles faziam o seguinte: davam no final sabe. Então essas aulas que a gente tinha que se deslocar lá, elas ficavam as últimas. Então a gente, por exemplo, tínhamos as aulas de hipismo, quando nós terminávamos, já íamos para casa. Natação e tênis era no Clube Gaúcho⁷, no Menino Deus⁸, então também eram as últimas aulas, a gente terminava e ia para casa.

L.K. – Tinham aulas em algum outro local?

M.S. – Não, eram nesses dois locais. Era esse, fora é claro, o que nós estudávamos no campo do Cruzeiro, mas fora de lá, do campo, eram somente esses dois locais.

L.K. – Como eram as aulas de equitação?

³ Colégio Estadual Julio de Castilhos

⁴ Esporte Clube Cruzeiro, fundado em 1913.

⁵ Cemitério Ecumênico João XXIII, fundado no dia 27 de abril de 1972

⁶ Nome sujeito a confirmação

⁷ Grêmio Náutico Gaúcho, fundado em 1928.

M.S. – Olha uma delícia para mim que gostava e já estava habituada, desde criança eu andei, eu adorava. Vinha, ia junto conosco um, não me lembro, um militar, não sei se era, se era Tenente, se era Sargento, eu não sei, ele que ia conosco e nós tínhamos que obedecer. Irmos no “tranco” que ele queria, por causa que, muitas não sabiam, não tinham conhecimento, agora o safado [risos] eu tinha paixão por cavalos, sempre gostei. Então nós fazíamos tipo de um passeio. No início, claro por causa da maior parte que não tinha conhecimento, aquilo era um “tranquinho”, daqueles assim que eu já não agüentava aquilo, mas depois, aos poucos, a gente podia fazer ‘macarrera’, ir mais rápido. Nós íamos por Teresópolis⁹, na época era praticamente despovoado, tu imagina isso em 1948, mais de cinquenta anos atrás. E a gente ia até, nem sei, acho que até perto do que hoje é Cavalhada¹⁰ agora sabe, depois fazíamos as voltas todas e retornávamos. Era mais mesmo para uma prática, porque eu nem sei por que isso interessaria para nós. Em todo caso eu gostava [risos].

L.K. – E, todo mundo se dava bem ou tinha...

M.S. – Todo mundo. Na minha época, nós tínhamos uma turma muito boa, mesmo com os professores, tirando esse professor de psicologia que, eu não lembro o nome inteiro, que eu tive uma boa briga com ele, mas, fora isso, os rapazes eram excelentes, aqueles tipo protetores. Nós fomos fazer uma excursão, excursão não, foi um tipo de uma excursão que nós fomos jogar, era aniversário de não sei o que em Santa Cruz do Sul¹¹. Fomos convidados para ir lá para jogar basquete e vôlei. Então nós fomos com a turma lá e depois deram um baile, aquela coisa toda, mas o engraçado é que os nossos colegas ficaram nos controlando, cuidando para que nada acontecesse, eram uns amores. Muito boa a turma sabe, tanto as meninas como os rapazes nessa época, eu acho que porque a turma era menor, então era muito unida a turma, muito boa. Muito bom aquele tempo, tenho muita saudade daquela época, eu sinto de não ter continuado, terminado. Depois caí como funcionária pública, tu imaginas a diferença, fechada. A minha sorte é que pouco tempo que eu fiquei na parte burocrática porque, o resto do tempo, eu passei mais tratando com o

⁸ Bairro de Porto Alegre.

⁹ Bairro da zona sul de Porto Alegre.

¹⁰ Bairro de Porto Alegre

¹¹ Cidade do Interior do Estado do Rio Grande do Sul.

publico mesmo, então aquilo já me ajudou um pouco. Ficar dentro de quatro paredes para quem gostava de esportes é horrível.

L.K. - Como eram as relações, as aulas, como os professores davam as aulas, a relação sala de aula? Eles eram autoritários?

M.S. – Não, não eram autoritários. Os que nós tínhamos que, davam as aulas teóricas para nós, eles não eram. Eles davam as aulas muito bem, sem problemas. Claro, por exemplo, tinham algumas coisas que era rígido da parte mesmo da direção e, por exemplo, mulher não podia fumar. Eu não fumava na época, até hoje eu tento não fumar.

L.K. – Os homens podiam?

M.S. – Os homens podiam, naquela época ainda tinha isso. Mas, às vezes, eles não podiam fumar na aula, eles tinham que fumar quando tivesse recreio, mas sabe como é pessoa que é viciada, não agüenta. Uma das vezes eles estavam fumando e de repente estavam fumando na aula e o professor vinha chegando e nós não tínhamos aula, só eles que iam ter aula, os rapazes, e nós estávamos ali fora, e quando eu vi eu estava com dois cigarros na mão [risos]. Passaram para as mulheres os cigarros e entraram correndo. Mas, de uma certa forma, não tinha uma rigidez, não tínhamos... Só tínhamos essa separação que era engraçado. Eu mesma naquela época achava estúpido isso, mas, em todo caso, tinha aquela, era, vamos dizer assim, era mais controlado a parte das mulheres do que a dos homens.

L.K. – As aulas eram separadas?

M.S. – As aulas físicas eram, as aulas teóricas eram todos juntos. Tanto que tem alguns professores que nunca nos deram aula, o Black¹² foi um, o Ari Mariante¹³ não, esses outros que davam aulas teóricas, mas aqueles que davam aulas práticas o [palavra inaudível] também nunca nos deu, ele dava era para os homens, a Olga¹⁴ que nos dava basquete. Então nós tínhamos separados, não tínhamos aulas praticamente com homens, só uma vez

¹² Karl Black

¹³ Ary da Costa Mariante

que outra, às vezes por necessidade, porque faltava um professor, alguma coisa assim, como Gaelzer¹⁵ que, inclusive eu te mostrei que eu tenho aquela foto com ele, que às vezes ele dava as aulas para nós quando a Tonia¹⁶ não podia. Mas normalmente era mulher para mulher e homem para homem [risos].

L.K. – A teoria eram todos juntos?

M.S. – A teoria sim, a teoria nós tínhamos todos juntos e o que era interessante lá era o seguinte, como era um lugar ermo, como eu disse era mais para jogador de futebol, aquilo não tinha nem bar, não tinha barzinho, não tinha nada, o que tinha, a água não se podia tomar, a água não era conveniente se tomar. Eles davam para nós todas as manhãs, tomasse quem quisesse, davam um copo bem grande de leite que eles achavam que era muito bom para a gente tomar, e uma das coisas que eu aprendi a tomar lá que eu detestava, foi Coca-Cola por causa da sede. Eu achei assim, como a primeira vez que eu tomei achei comum gosto de remédio horrível, mas não tinha nada, não tinha nada. E outra coisa que eu aprendi também, em casa cada um de nós, sempre, até de um irmão para outro, nós não tomávamos no mesmo copo, de jeito nenhum, era tudo assim, “esses eram meus talheres, estou comendo com esses e ninguém vai por a boca nos meus talheres”. Olha, lá quando dava a sede a gente tomava um do outro, podia estar babando que pegava a mesma garrafinha e se tomava e passava na boca do outro. Olha, vou te dizer, tirei um monte de bobagens que eu tinha na época em casa, tirei. Até também para tomar banho, porque os banheiros, não claro, não os homens, o dos homens era separado, mas os banheiros não eram fechados, eram uns “boxinhos” que não tinham cortina, não tinham nada. Eu nunca na minha vida tomei banho nem na frente das minhas irmãs, nunca, e lá o [palavra inaudível] era tão grande, aquele calor que a gente acabou tomando banho, todo mundo tomava banho da mesma forma [risos]. Muitas coisas que a gente perde quando tem essas, por isso que eu digo, e a mesma coisa quando o rapaz serve, quantas coisas bobagens que já acaba perdendo quando está servindo por causa disso.

L.K. – Como que era o teste de vestibular para entrar?

¹⁴ Olga Valéria Kroeff Echart

¹⁵ Frederico Guilherme Gaelzer

¹⁶ Antônia Seitz Petzhold, chamada de “Tony”

M.S. – Olha, nós tínhamos uma parte teórica que eu não sei te dizer o que, mais sobre, era português, uma coisinha assim. Português, matemática, eles não podiam exigir nada do que a educação física nos daria, porque era uma coisa que não tínhamos conhecimento lógico, tinha que ser aquilo que a gente trazia do Ginásio. Então faziam, tinha uma língua estrangeira e depois as aulas práticas, aí sim tinha, corrida, natação, tinha o que mais, nós tínhamos salto em altura, não em altura, em distância, não era em altura era em distância. Eu não sei te dizer mais, não lembro bem, mas eram umas poucas coisas que nós fazíamos, que era uma coisa que nós podíamos fazer sem precisar ter aprendido na ESEF, era uma coisa que qualquer um podia fazer.

L.K. – Mas muita gente rodava ou todo mundo passava?

M.S. – Olha, tinha muita gente que rodava, principalmente na natação. A natação fazia muita gente rodar. Engraçado que a parte que mais o pessoal rodava era exatamente a parte prática, porque eu acho que eram pessoas que não praticavam, não faziam, quer dizer, chegavam ali, para eles era muita dificuldade, a não ser aqueles que gostavam como eu, por exemplo, que já vinham de ginásio. Quer dizer, já gostavam disso mesmo. Então eu acho que outros como eu, tinham mais facilidade, fora disso.

L.K. – Qual o perfil dos alunos daquela época, idade, classe social?

M.S. – Olha a idade era mais ou menos, das mulheres normalmente era essa base, como eu entrei com dezessete em 1948, saía do ginásio, geralmente ficava, às vezes, um ano ou logo em seguida, ia para lá. Então era essa idade, dezoito, dezenove, dezessete, era mais ou menos, fora as normalistas, como a gente chamava, que eram aquelas que eram professoras já. Essas tinham vinte e oito, trinta, vinte e sete, quer dizer, para nós elas eram velhas, a gente nem queria saber das coitadas [risos], elas tinham muito mais dificuldades claro, imagina quem dera eu estar com trinta anos, era nessa época assim. E os rapazes não, os rapazes, engraçado, os rapazes tinham alguns jovens, mas tinham outros que já eram mais de trinta. A agora eu lembrei do nome, sabe nego o Martines¹⁷ [entrevistada fala com outra pessoa na qual ela chama de nego].

Nego – Lauro Martines.

M.S. – É, esse era o baixinho. Tinha o Emanuel¹⁸ que eu te falei que tinha 1.90m, os [palavra inaudível] tu tinha que ver eles jogando basquete, um amor, era um querendo tirar a bola do outro, os dois. O Martines era mais baixo que eu, eu tenho 1.56, ele devia ter 1.54, e o Martines era, ele já tinha trabalhado com essa parte de ginástica, não sei se foi no ACM¹⁹, ou se foi em algum clube, ele já tinha mais conhecimento. O Martines era mais velho, devia ter uns vinte e oito, trinta anos. Inclusive quando eu entrei na ESEF estava saindo naquele ano, era o último ano, tinha pessoas lá bem mais velhas que, aliás, um deles até depois fui me encontrar com ele, quando eu fiz concurso e entrei para [palavra inaudível]. Ele até depois foi superintendente do IAPI²⁰, ele já era bem mais velho, devia ter uns trinta e cinco anos e estava tirando educação física. Saiu antes de mim, porque ele já estava lá dentro, no último ano. Mas o normal era essa idade, não tinha diferença. Agora, até as sociais era aquela, tem a mistura, tem umas mais ‘mauricinhas’ que elas eram às tais, porque o papai era isso, o papai era aquilo, não sei o que. Tinha outras que eram bem pobrezinhas, tinham as diferenças de classe. Como a ESEF era gratuita, era mais fácil delas entrarem e, apesar do vestibular que a gente fazia, não é este vestibular de agora, aliás, mesmo naquele tempo, o vestibular que era feito, por exemplo, para faculdades de medicina, engenharia era muito mais pesado, ai era bem mesmo. Os nossos não, era uma coisa como eu te disse, o que mais fazia o pessoal rodar era a parte prática, porque a parte teórica não era assim muito exigido, ou inclusive porque essas faculdades da época, como medicina, engenharia, direito, elas precisavam estar, já ter tirado o segundo grau, e já educação física e essas outras que eu te falei, como jornalismo e assistente social, bastava o ginásio. Então, claro, já era menos a exigência na parte teórica, não era grande coisa, então muita gente estudava para passar. E tinha aqueles que eles ajudavam como eu te falei, aquelas, as normalistas, claro, elas precisavam porque se não, não ia ter nenhuma porque tinha esse curso. O nosso curso era assim, era chamado assim, era o normal que, era das normalistas, e o curso superior. O curso superior, o nosso, que era feito em dois anos, e o das normalistas era feito em um ano só, que elas tinham bem menos, que era só, que era mais pela, eu acho que mais sabe o que, para essas professoras de cidades pequenas, onde

¹⁷ Nome sujeito a confirmação.

¹⁸ Nome sujeito a confirmação

¹⁹ Associação Cristã de Moços, fundada em Porto Alegre, no dia 26 de novembro de 1901

²⁰ Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários

elas faziam tudo, lecionavam letras e davam também educação física. Não era como aqui na cidade que tinha professores especificamente para educação física. Lá eu acho que elas faziam tudo.

L.K. – Tem algum relato do cotidiano da Escola, ou do dia a dia, do cotidiano ou vocês sempre faziam a mesma coisa? Como que era, vocês chegavam de manhã até a tarde?

M.S. – Bom, começa que nós tínhamos que estar lá as sete e meia da manhã e subir aquela maldita lomba que tinha lá, aquilo era um horror [risos]. Então a gente tinha que estar lá antes das sete e meia, porque tinha que por a roupa e etc. Mas aquilo era bom às vezes, quando tinha o recreio, a gente sai, eu pelo menos, e a minha turma, claro, a gente se dava com todo mundo, mas sempre tem a turminha menor que a gente se dá mais. Então eu e a minha turminha íamos explorar os cemitérios, andar pelos cemitérios explorando. Uma vez até encontramos um cara que se suicidava, estava com o revolver do lado, e o Mário²¹, um colega meu que estava junto, eu achei maravilhoso o revolver pequenininho assim, eu disse para ele e ele disse, “tu és louca, pega esse revolver e tu vai ficar, vai ficar junto com a polícia, encrocada com a polícia, e bem na frente”. Mas, no dia a dia assim, não sei te dizer. Eu já estou explanando demais, agora vamos para a conclusão. Agora o que eu posso falar para ti é da excursão que eu te disse que nós fomos, não sei se eu te falei no início.

L.K. – Falou um pouco da excursão.

M.S. – E nós fomos convidadas, mas já te falei.

L.K. – Tem algum fato pitoresco que tu quisesse relatar fora os que tu já relataste, algo bem fora do normal que tenha acontecido?

M.S. – No momento não me lembro.

L.K. – Fato engraçado, trágico, tragicômico?

²¹ Nome sujeito a confirmação

M.S. – Tinha uma coisa que não é cômico, só que eu achava incrível, não a minha turminha como eu te disse, mas a outra turma das gurias. Para não subir a lomba, elas ficavam lá embaixo pedindo carona. Para nós aquilo era um horror, na época de hoje até muito normal, mas para nós era um horror. Só que bem feito, uma vez uma delas - elas iam sempre em três, quatro - e uma vez elas pegaram essa carona e em vez de deixarem elas lá aonde elas tinham que ficar, ali na ESEF, eles foram com elas até o cemitério, lá em cima sabe, levaram um susto, nunca mais pegaram carona.

L.K. – Como é que, não sei se tu se lembras como que funcionava o Diretório Acadêmico quando tu estudaste lá? Tu se lembras da atuação?

M.S. – Olha, praticamente não tinha um relacionamento para nós, porque conhecimento não tinha. Nós ficávamos mais juntos com a secretaria, porque era a secretaria que mandava e desmandava lá dentro. A secretária inclusive, na época como eu disse, era a tia Valter²². Então nós estávamos mais...

L.K. – A tia Maria?

M.S. – É a tia Maria. A Maria. Nós estávamos mais subjugados a ela assim, então não tínhamos esse envolvimento que o Valter teve, de tratar assim aquele e aquele, e como nós não tivemos assim, pelo menos enquanto eu estive lá, nós não tivemos alguma coisa que a gente tivesse que lutar, por um direito nosso. Para nós, naquela época, tudo funcionou praticamente bem, não tivemos, que a gente precisasse recorrer a, que nos fizesse algumas coisas que nós precisasse digamos assim, a única coisa, que eu te falei, que nós estaríamos precisando era de mais bebidas. Porque não tinha, tinha aquelas poucas Coca-Cola e a gente ficava desesperados, um bebendo um pouco do outro, porque era muito pouco o que eles levavam para lá, fora o leite que nos davam.

L.K. – A Coca-Cola era a Escola que dava?

M.S. – Hein? Não, nós tínhamos que comprar. Mas eles levavam poucas sabe, então a gente comprava e daqui a pouco não tinha mais. Tu imaginas se fazendo exercício lá

dentro, a necessidade, e sempre nos proibindo, porque a gente não devia tomar aquela água encanada, porque não prestava. Então a gente ficava aquela coisa, desesperada. Foi a única coisa que eu lembro que nós solicitamos, que se fizesse alguma coisa. Inclusive até que tivesse alguma coisa de comer, um sanduíche, uma coisa assim. Porque às vezes tinha lá uma bolachinha, uma coisinha, mas coisa mínima. Mas o resto está tudo bem.

L.K. – Acho que encerramos a entrevista. Obrigado Meyre, pela entrevista, muito prazer.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

²² Nome sujeito a confirmação